

ENTREVISTA COM CARLOS ALBERTO STEIL. “O TURISMO NÃO PODE CONTINUAR SENDO VISTO COMO UM ELEMENTO EXTERNO ÀS CULTURAS”

Roque Pinto & Zara Pinto-Coelho

INTERVIEW WITH CARLOS ALBERTO STEIL. “TOURISM CANNOT CONTINUE TO BE SEEN AS AN EXTERNAL ELEMENT TO CULTURES”

No quadro da edição deste volume intitulado “Discursos e Imagens do Turismo Cultural”, quisemos auscultar a opinião de investigadores das Ciências Sociais, sobre o estado da arte na área, no Brasil e em Portugal. Elaborámos um conjunto de questões e convidámos vários colegas a responder por escrito às mesmas. Carlos Alberto Steil, Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil), autor de diversas obras de referência relativas à temática antropológica, religião, política e deslocamentos humanos, incluindo romarias e atividade turística, foi um dos investigadores que gentilmente acedeu ao nosso convite. Os nossos agradecimentos pelo seu trabalho e cuidado.

1. As possibilidades, tensões e conflitos que atravessam o turismo cultural, enquanto fenómeno simultaneamente local e global, podem ser vistos como oportunidades para ampliar os territórios de investigação neste domínio. Neste contexto, o que podem as Ciências Sociais e Humanas fazer para transformar este objeto tradicionalmente “mal-dito” (isto é, pouco relevante e até pouco “nobre”) num objeto “bem-dito”?

A produção sobre turismo nas Ciências Sociais, nas últimas décadas, tem ficado muito aquém do processo acelerado de crescimento deste fenómeno no mundo. De fato, o turismo apresenta um vasto horizonte de possibilidades de investigação que desafia os cientistas sociais. Por outro lado, a complexidade de que se reveste o turismo como fenómeno social exige abordagens multidisciplinares que precisam ir além das fronteiras demarcadas tanto pelas Ciências Humanas e Sociais quanto pelas Ciências Aplicadas. Neste sentido, poderíamos iniciar nossa reflexão, perguntando-nos sobre a adequação da distinção, no espectro das tipologias do turismo, de um turismo cultural, que se perfilaria ao lado de outros tipos de turismo. O que, em alguma medida, definiria um objeto específico, neste amplo espectro que recobre o fenómeno do turismo, para a

Antropologia, enquanto ciência que se ocupa da cultura. E que, neste caso, se ocuparia desta fatia denominada de turismo cultural, deixando para outras áreas do conhecimento o estudo doutras formas de turismo.

Na contramão deste olhar fragmentado, que parte de uma perspectiva cartográfica, penso que seria mais adequado assumirmos um olhar fractal, em que a complexidade da vida social, com suas possibilidades, suas tensões e seus conflitos vão aparecer em qualquer recorte empírico que fizermos do fenômeno turístico. Ou seja, entendo que cada recorte do social reproduz as múltiplas dimensões de que se constitui a vida em sua expressão individual e coletiva. À luz desta mirada, desfaz-se qualquer pertinência analítica que visa situar o local e o global em espaços distintos. O local e o global são, na verdade, dimensões da vida que se referem à extensão que assumimos em nosso olhar. O local é sempre uma forma de expressão do global, o qual não existe fora de sua concretização local. Não existe um global pairando sobre o local, assim como não existe um local isolado do global.

O que podem as Ciências Sociais e Humanas fazer para transformar este objeto tradicionalmente "mal-dito" num objeto "bem-dito"? Talvez o caminho seja abandonar a ideia de que o turismo se constitui como um território circunscrito, com limites definidos em relação a outros setores da sociedade, a ser explorado pelo cientista social. Prefiro pensar que o turismo é uma dimensão da vida social que atravessa nossa experiência no mundo, ao mesmo tempo em que é atravessado pelas demais dimensões da vida que se entrelaçam num emaranhado de linhas para formar a malha do que chamamos cultura. Ou seja, o que proponho, na verdade, é voltarmos para o empírico, para a observação atenta do que está acontecendo ao nosso redor. E, mais do que partir de definições e de tipologias ou de pretender chegar a elas com a clareza de um observador externo, sugiro que, como cientistas sociais, façamos um esforço efetivo de descrever o que nos é dado a viver em contextos em que a mobilidade de turistas produz mudanças reais na dinâmica social e na vida local.

2. Podemos dizer que o discurso de turismo produzido pelas Ciências Sociais e Humanas, em especial desde os anos 90, implicou um deslocamento da ideia de impacto para as ideias de mudança, transformação, adaptação e apropriação. Quais são os riscos e as oportunidades que estas novas dinâmicas colocam para quem estuda as relações entre turismo e cultura, num quadro de colonização das políticas científicas pelos imperativos da relevância e da intervenção e de eleição do turismo como setor estratégico de desenvolvimento nacional e internacional?

Ao adentrarem no campo dos Estudos do Turismo, as Ciências Humanas e Sociais, com certeza, fizeram diferença. Preocupados mais com os processos sociais do que com o impacto do turismo na vida social e cultural das comunidades, os cientistas sociais introduziram um outro paradigma de análise, que impôs uma agenda de pesquisa alternativa. Este paradigma e esta agenda, por sua vez, defrontaram-se, desde o início, com a presença hegemônica das Ciências Aplicadas, especialmente da Administração

e da Economia, no campo de Estudos do Turismo. Neste sentido, aos instrumentos de análise econômica, utilizados para a produção de índices e para a medição de impacto, somaram-se os métodos de observação de campo e de análise sociológica na compreensão do fenômeno turístico. Esta entrada das Ciências Humanas e Sociais no campo do turismo, ao mesmo tempo em que foi saudada por alguns administradores e economistas como benéfica para o aprofundamento e desvelamento de dimensões que permaneciam à sombra nas suas análises teóricas, também produziram tensões e conflitos que têm dificultado o diálogo e o exercício da interdisciplinaridade no campo.

Centradas na descrição, interpretação e análise do turismo como processo, as Ciências Humanas e Sociais, efetivamente, deslocaram as ideias de impacto para as de mudança, transformação, adaptação e apropriação. O que não significa que estas ideias tenham alcançado hegemonia ou que tenham incidido de forma abrangente e disruptora sobre o olhar predominante no campo de Estudos sobre o Turismo. A percepção que tenho é de que estas áreas seguem a maior parte do tempo paralelas, como se fossem territórios separados. Ao mesmo tempo, é preciso lembrar que nenhuma destas áreas – das Ciências Sociais Aplicadas e das Ciências Humanas – se constituem como blocos monolíticos, sem divisões e tensões internas. Assim, estas tensões e divisões têm, muitas vezes, favorecido o diálogo e a aproximação entre setores de um e de outro lado.

Quando o turismo é visto pela ótica da eficiência e dos resultados, parece que as abordagens centradas em índices e impacto levam grande vantagem sobre as das Ciências Humanas e Sociais. Ou seja, o conhecimento produzido por economistas e administradores geralmente oferecem aos gestores públicos e mercadológicos respostas imediatas e estratégicas para a ação, ao passo que aquele, produzido pelos cientistas sociais, apresenta a estes gestores o contexto complexo e contraditório da realidade no seio da qual é preciso decidir e agir, com a consciência de que toda decisão e ação está marcada pela incerteza que se inscreve em qualquer processo social. O caráter não prescritivo das Ciências Humanas e Sociais acaba por obnubilar sua importância e seu caráter indispensável para o agir social e político. Isto é, as pesquisas qualitativas, especialmente aquelas que desvendam a percepção dos sujeitos envolvidos no processo – turistas, moradores, gestores, investidores, comerciantes, formadores de opinião etc. – podem oferecer um horizonte mais amplo e uma base mais sólida para a ação coletiva e a superação dos conflitos de interesses constitutivos da vida social.

3. Relativamente ao tema turismo e cultura, que balanço faz do estado da arte no seu país, na área das Ciências Sociais ou Humanas?

O turismo entra na agenda da maioria dos cientistas sociais no Brasil como um tema que emerge no processo da pesquisa como um objeto secundário que interpela o pesquisador que, inicialmente, foi ao campo para estudar outro tema. Poucos dos cientistas sociais que têm se dedicado ao estudo do turismo no Brasil elegeram-no como seu tema de investigação no início de sua trajetória de formação como pesquisadores. O meu interesse pelo turismo, por exemplo, surgiu durante o trabalho de campo, quando

estudava as romarias para um santuário católico, no sertão do Brasil. O engajamento pessoal nas romarias e o compartilhamento da vida com os peregrinos que todos os anos se deslocavam para o santuário de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, mostraram diferenças sutis e significativas entre turistas e peregrinos, ainda que, é preciso reconhecer, como nos adverte Victor Turner, que "todo peregrino é um pouco turista e todo turista é um pouco peregrino". Ao mesmo tempo, fui percebendo uma tensão na pastoral dos santuários católicos entre romaria e turismo religioso. Ou seja, foi a necessidade de dar conta destas diferenças e tensões na prática que me levaram a estudar o turismo como uma dimensão que atravessa as peregrinações católicas.

Um olhar retrospectivo sobre minha trajetória de pesquisa mostra que, embora tenha mudado diversas vezes meu objeto empírico, em todos eles o turismo aparece como um dado subjacente a ser considerado. Assim, quando passei a estudar as aparições contemporâneas de Maria, nos anos 1990, não pude deixar de observar como o deslocamento de pessoas em direção aos locais em que Nossa Senhora aparecia foi estruturando diversos serviços turísticos para atender àqueles que acorriam estes locais. O exemplo mais emblemático destas aparições é, sem dúvida, Medjugorje que, no auge das aparições, recebia dezenas de voos fretados de diversos países. Mais tarde, nos anos 2000, ao estudar os caminhos de Santiago no Brasil e sua aproximação com o movimento Nova Era, mais uma vez, o turismo assume relevância como um elemento importante na organização e difusão desta forma de espiritualidade. Na última década, quando meu foco de pesquisa se volta para a relação entre espiritualidade e ecologia, reencontro o turismo, atuando na promoção de caminhadas na natureza.

Este lugar adjacente que o turismo tem ocupado nas pesquisas sociais, talvez nos ajude a compreender o incipiente desenvolvimento metodológico e teórico do tema no Brasil. Ou seja, embora o turismo atravesse a totalidade da vida social moderna, ele não se configurou como um campo temático autônomo de estudos nas Ciências Humanas e Sociais no país, com uma produção específica relevante, com centros de referência de formação de pesquisadores ou linhas de pesquisa nos programas de pós-graduação das Ciências Humanas e Sociais. Por outro lado, há uma produção de excelência sobre turismo que permanece quase que invisível, uma vez que se entrelaça com temas que contam com maior reconhecimento no campo. Isto faz com que a sua tematização dependa fundamentalmente de uma educação da atenção do pesquisador para perceber a presença do turismo como uma dimensão dos seus objetos de investigação.

4. É sabido que a atividade turística é muito suscetível às intempéries políticas, econômicas, sociais e ecológicas. Como o turismo localmente vem se modificando por conta destes e/ou de outros aspectos conjunturais?

Como antropólogo, penso que é difícil falar da atividade turística de um modo generalizante. O turismo é múltiplo e precisa sempre ser contextualizado. Ele assume muitas formas que podem estar associadas tanto a recursos naturais, climáticos e paisagísticos quanto à ação política, cultural e imaginativa dos coletivos humanos. Há

empreendimentos turísticos que alcançam uma longa duração, com poder de atrair um número de pessoas que os mantêm e os tornam sustentáveis. Seu sucesso geralmente resulta da associação de investimentos do poder público, do mercado e de uma comunidade local receptiva ao turista. Sem a convergência destes agentes sociais dificilmente o turismo se sustenta. Estabelecer esta sinergia é condição indispensável para a implementação e continuidade de qualquer projeto turístico.

Para além dessas condições objetivas, relacionadas a processos convergentes de superação e gerenciamento das tensões entre Estado, mercado e comunidade local, o turismo depende de valores, sentimentos e modos de vida que configuram a cultura e a conjuntura histórica de uma determinada sociedade. Um olhar diacrônico sobre a história do turismo mostra que a valorização de determinados elementos, que se tornam pontos de atração de pessoas, depende mais da visão estética predominante na cultura e da conjuntura histórica do tempo vivido do que de sua força natural. Para ser mais claro, o mar e a praia, por exemplo, que hoje atraem milhões de pessoas em todo o mundo, noutros tempos e, ainda hoje, em algumas sociedades, não possuem qualquer poder de atração turística. Trago este exemplo para chamar a atenção para a indissociabilidade entre os movimentos turísticos e as mudanças observadas na cultura em direção à valorização da natureza enquanto portadora de forças sagradas de restauração da saúde física, mental e espiritual. No livro, que escrevi com Rodrigo Toniol, sobre Caminhadas na natureza (Appris, 2016), mostro como a emergência da espiritualidade Nova Era enseja um turismo de baixa intensidade em pequenos municípios rurais com envolvimento de diversos agentes do Estado e do mercado.

Respondendo mais especificamente à pergunta, concluo dizendo que: se é verdade que a atividade turística está sujeita às intempéries políticas, econômicas, sociais e ecológicas, também o é que, num nível mais profundo, o turismo depende da cultura. Ou seja, das crenças do que é bom, belo e desejável para uma sociedade. E, o que é bom, belo e desejável muda no tempo. Em suma, acredito que os empreendimentos turísticos conseguem alcançar sucesso quando se tornam capazes de oferecer a um coletivo humano os meios de acesso ao núcleo de valores centrais da cultura. Isto significa um deslocamento, no turismo, do espetáculo massivo para a experiência pessoal. Ilustro isto com o relato que ouvi, numa reunião com o prefeito e as secretárias de governança, de turismo e da educação de Gramado. Ao discorrer sobre as transformações que eles, como gestores públicos, detectavam nas motivações que atraíam os seis milhões de turistas que, ao longo de cada ano, visitam Gramado, eles apontam a busca de uma "experiência" como o principal motivo. Ou seja, ainda que massivo, o turismo hoje tem que dar oportunidade às pessoas de viver a cidade e os eventos como uma experiência pessoal, de conexão consigo e com algo que transcende o social e o lazer.

5. Do ponto de vista da sua área de atuação que arranjos ou conexões teóricas, metodológicas e deontológicas vêm se desenhando ultimamente? Quais as perspectivas futuras?

A Antropologia é um campo de pesquisa eminentemente empírico, que tem no método etnográfico sua marca fundamental. Por vários anos, esteve presa a uma concepção funcionalista e sistêmica do social. Voltada inicialmente para o estudo de povos indígenas e de comunidades tradicionais, só recentemente a antropologia passou a estudar as sociedades complexas e modernas. Foi na esteira deste movimento, que vem sendo denominado de uma Antropologia at home, que os antropólogos, na década de 1970, começaram a pesquisar e produzir artigos e livros sobre o turismo. Os primeiros trabalhos estiveram marcados por uma oposição entre o local e o adveniente, nos quais as comunidades eram vistas como totalidades autônomas e harmônicas, ameaçadas pelo processo de modernização, o qual, segundo estes pesquisadores, tinha no turismo uma de suas pontas de lança. Neste contexto epistêmico, os antropólogos geralmente assumiam uma posição de defesa do local e de denúncia do turismo, como um elemento ameaçador e disruptor da ordem, fundada sobre a tradição.

A esta perspectiva estava associada uma compreensão substantiva das culturas, vistas como sistemas específicos de valores, de relações de parentesco e de instituições que se distinguiam uns dos outros. Criou-se, assim, uma crença, que se difundiu para muito além da Antropologia, de que as culturas existiriam como unidades em si. Esta crença, por sua vez, acabou produzindo uma exotização das culturas, especialmente daquelas associadas ao polo tradicional dentro do processo de modernização. Grande parte do turismo cultural, da forma como tem sido difundido no senso comum, está fundado sobre esta crença. A promessa de que se vão conhecer terras estranhas e entrar em contato com povos exóticos, tem sido um dos produtos mais valiosos no mercado turístico. Esta predisposição para tomar o outro como exótico, no entanto, ganha um apelo turístico, porque faz parte das crenças que nos constituem como modernos. Mas, não passa de uma crença.

Enfim, penso que o grande desafio teórico, metodológico e deontológico que se impõe hoje para a Antropologia do Turismo é abrir mão radicalmente do conceito funcionalista de cultura. O turismo não pode continuar sendo visto como um elemento externo às culturas. Uma vez que ele se fez presente no local é porque já foi apropriado. Ou seja, as comunidades não são entidades passivas, que apenas resistem ao que vem de fora. Aquilo que é visto como de fora, na verdade, só pode ser identificado enquanto tal porque já está presente como um elemento instituinte da cultura. A crítica ao conceito funcionalista de cultura, já realizado pelas correntes atuais mais de ponta da Antropologia, precisa ser aplicada aos estudos do turismo, para que se possa avançar em direção a uma contribuição mais efetiva da Antropologia para a área do Turismo.

La Garde, França, outubro, 2018